



No Altar: fé, relacionamento e uma experiência interdisciplinar¹

Diana de AZEREDO²

Camila Barboza FURTADO³

Fabiana Quatrin PICCININ⁴

Leonel Fernando Aurélio AIRES⁵

Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, RS

RESUMO

Em uma sociedade onde os jovens iniciam relacionamentos cada vez mais cedo, a atitude de determinado grupo cristão chama a atenção pela singularidade: eles defendem a prática sexual apenas após o casamento. Como alunas do Curso de Comunicação Social, mas de habilitações diferentes, reunimos depoimentos de jovens e especialistas para produzir um documentário. Com essa produção interdisciplinar, temos a proposta de contribuir para o debate e a compreensão acerca do comportamento humano sexual, quando influenciado pela religião. Em relação a este artigo, o objetivo é relatar essa experiência e propor reflexões sobre a proximidade entre jornalismo e produção audiovisual.

PALAVRAS-CHAVE: documentário; jornalismo, fé; relacionamento.

1 Isso ainda existe

Apesar de não haver evidências oficiais sobre o tema, pesquisas empíricas mostram que o envolvimento sexual, entre os brasileiros, começa cada vez mais cedo. Em uma atitude influenciada pelas conquistas iniciadas na década de 70 (como o uso da pílula anticoncepcional, por exemplo) e pela liberdade sexual incentivada pela mídia, homens e mulheres tendem a não esperar o compromisso formal do casamento para manter relações.

¹ Trabalho apresentado no II 8 – Estudos Interdisciplinares do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2014.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Unisc, email: azeredo_diana@yahoo.com.br.

³ Recém-graduada do Curso de Comunicação Social - Radialismo da Unisc, email: camilaabarboza@gmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Professor doutora do Curso de Comunicação Social da Unisc, email: fab@unisc.br.

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da Unisc, e-mail: leonel@unisc.br.



Segundo informações obtidas, em 2012, pelo Instituto de Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (Pense), órgão relacionado ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): entre estudantes de 13 a 15 anos, 28,7% já haviam mantido relações. Já os números da análise feita pela The Face of Global Sex 2012 destacam que os brasileiros, entre 37 países, estão entre os que iniciam a vida sexual mais cedo, por volta dos 17. Nos Estados Unidos, o período que marca o início é entre 18 e 19, enquanto que na Malásia é acima dos 23.

Considerando esse contexto, este projeto teve como ponto de partida uma pergunta admirada feita por muitas pessoas ao tomarem conhecimento sobre a história de casais que decidem esperar até o casamento para manter relações sexuais. “Isso ainda existe?” é o questionamento imediato após um pequeno relato. O documentário “No Altar”⁶ não apenas mostra que, sim, isso ainda existe, como problematiza a questão. O vídeo reúne depoimentos de quem se comporta dessa maneira e de especialistas que analisam essa atitude.

Ao contrário de polemizar ou satirizar a situação, a proposta é contribuir para o debate e a compreensão acerca do comportamento humano sexual, quando influenciado pela religião. Pretendemos também analisar os motivos e as ações que permeiam a decisão de esperar até o casamento para manter relações, mostrar como a religião influencia jovens em suas escolhas e relações íntimas, refletir sobre as possíveis vantagens e desvantagens desse comportamento, considerando o ponto de vista de especialistas nas áreas da Ginecologia e Psicologia. Portanto, o que queremos é apresentar ao público uma produção que contribua com o debate sobre a iniciação sexual de jovens.

2 Técnicas de duas habilitações

Se consideradas as características do jornalismo apontadas por Genro Filho (1987), o que percebemos na informação jornalística é o singular, o particular e o universal. No caso deste projeto, o universal são as relações amorosas entre casais. O particular seria a orientação religiosa para essas relações. Já o singular é o fato de jovens casais, vivendo em um contexto de liberdade sexual, aderirem não apenas à crença, mas

⁶ Documentário, com o título “No Altar: a prática sexual orientada pela fé cristã”, disponibilizado em: <https://www.youtube.com/watch?v=QsWiRJ7GGYA>



à prática cristã em defesa do sexo após o casamento. Entendemos esse comportamento como algo diferente e que, ao emergir como original, torna-se “gancho” para uma produção jornalística.

Em busca de uma abordagem mais ampla sobre o assunto, é necessário conceituar “reportagem”. Entre muitas definições, fazemos referência à síntese organizada por Soster (2014). Ele afirma que para fazer uma reportagem é preciso “ir além, detalhar, questionar causas e efeitos, interpretar”. Diferentemente da “notícia”, a reportagem é um relato ampliado do acontecimento, que demanda um trabalho investigativo para aprofundar o tema.

A partir dos apontamentos de Nichols (2005) e Ramos (2008), percebemos que os vínculos entre as formas narrativas do documentário e da reportagem são muito tênues. As diferenças estariam no “espaço mais denso para a expressão do viés autoral” (RAMOS, 2008, p. 58), no caso do documentário, e na forma de veiculação, no caso da reportagem, produzida e transmitida mantendo relação com o telejornal onde será exibida. Neste projeto, a proposta foi ampliar o espaço para o viés autoral e a preocupação de adaptar o vídeo às necessidades de um programa ou site não foi determinante no trabalho.

Semelhante aos objetivos do jornalismo, “os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos” (NICHOLS, 2005, p. 27). Aqui, cabe a lembrança dos “cinejornais” que, no início do século XX, ajudaram a construir realidades discursivas no Brasil, conforme Souza (2006). Este autor destaca que, ao contrário do que comumente propõe a produção jornalística, o documentário não tem a preocupação com a urgência e a objetividade no relato dos fatos. Segundo ele, porém, o estabelecimento de um espaço para debate com a pluralidade de vozes caracteriza tanto o trabalho de um jornalista quanto de um produtor de mídia audiovisual.

Nas técnicas para atingir essas metas, documentário e reportagem têm em comum, por exemplo, a entrevista. É o que evidenciamos a partir das reflexões de Medina (1986) sobre o método. Desde o início do projeto, a base para a elaboração das perguntas foi o livro “Entrevista: Diálogo Possível” (Ática, 1986). Na obra, a pesquisadora propõe a transformação da fonte em “sujeito”, ao invés de “coisa”. Assim,



procuramos manter características que ela considera fundamentais em um entrevistador, como criatividade e disposição pra transpor as resistências do entrevistado.

Uma sensibilidade diferenciada que se manifesta através do gesto, do olhar, da atitude corporal. Um repórter que se debruça sobre o entrevistado para sentir quem é o outro, como se estivesse contemplando, especulando uma obra de arte da natureza, com respeito, curiosidade (ainda que a fonte de informação represente uma ideologia totalmente contrária à do repórter), por certo esses fluidos positivos de uma percepção aberta chegarão, por complexos sinais, à percepção do entrevistado. Nunca é demais salientar que o diálogo se dá sobretudo no nível da sensibilidade. (MEDINA, 1986, p.30-31).

Para Nichols (2005), esse método permite que o documentarista vá a campo e estabeleça interação com as personagens. Elas, transformadas em fontes, são entrevistadas, provocadas. Essa técnica “permite que o cineasta se dirija formalmente às pessoas que aparecem no filme em vez de dirigir-se ao público por comentário com voz-over” (NICHOLS, 2005, p. 159). Segundo ele, os produtores de documentários “usam a entrevista para juntar relatos diferentes numa única história” (NICHOLS, 2005, p. 160). O autor aborda esse método ao explicar o tipo de produção que surge em meados da década de 60.

Os cineastas que buscam representar seu próprio encontro direto com o mundo que os cerca e os cineastas que buscam representar questões sociais abrangentes e perspectivas históricas com entrevistas e imagens de arquivo constituem dois componentes importantes do modo participativo. (NICHOLS, 2005, p. 162).

Ao citar Penafria (1998), Scherer (2003) acrescenta que a criatividade e a disposição para captar imagens e sons nos locais onde as pessoas vivem são fundamentais para o documentarista. Entendemos que, ao ser criativo, o repórter-documentarista expressa a subjetividade desde a elaboração do roteiro até a edição final. E essa postura, antes de ser negativa, é honesta. Já em relação à gravação, das sete entrevistas deste projeto, apenas uma foi realizada fora do lugar de trabalho ou moradia do entrevistado. Isso evidencia o cuidado para mostrar a versão mais próxima da realidade das fontes.



Em todo processo de produção, foram considerados os dilemas éticos apontados por Nichols (2005) a partir do questionamento “O que fazer com as pessoas?”. A ideia não era criar ou fortalecer estereótipos, transformando pessoas em caricaturas. O que pretendemos, com este projeto, é mostrar um comportamento singular e problematizá-lo. Para isso, fizemos uso de relatos pessoais e de depoimentos de fontes especializadas. Os trechos selecionados da entrevista tiveram como objetivo contar a história de jovens reais, tentando lidar com suas inseguranças, vontades e crenças.

Para cumprir esse objetivo, não seria necessário detalhar intimidades dos casais, nem fazê-los passar por “idiotas” ou “moralistas”. A resposta sobre o que fazer com as fontes foi elaborada por meio de uma relação franca com os entrevistados, com explicações antecipadas quanto à pretensão de exibição, seguindo o princípio de “consentimento informado” (NICHOLS, 2005, p. 37).

Como não houve pedido para a retirada de trechos do depoimento, nem a recusa de responder a alguma pergunta, não houve constrangimentos de nenhuma parte. Ao invés de criar situações embaraçosas, podemos afirmar que este documentário, em função legitimada por Nichols (2005, p. 201), contribui “para a construção social de uma identidade comum entre membros de uma dada comunidade”, dando “visibilidade social a experiências antes tratadas como exclusiva ou principalmente pessoais”.

3 Descrição do processo e do produto

O documentário de 17 minutos e 53 segundos reúne sete depoimentos. A ginecologista Renata Jucá faz uma referência ao comportamento sexual desde a década de 1960 e apresenta reflexões sobre as vantagens e desvantagens da preservação da virgindade. A psicóloga Marga Rossa opina a respeito da valorização pessoal e da cultura do descarte. O pastor Otocar Wondracek explica as orientações cristãs e comenta sobre o desafio de orientar jovens. O jovem solteiro Ezequiel Doern conta a experiência de se manter virgem há 22 anos.

Leonardo Soares e Djamila da Rosa exemplificam a escolha de não manter relações durante o namoro. Lucas e Tamara Leão Soares abordam a decisão de interromper a prática sexual durante oito meses para retomá-la apenas após o



casamento. Sandro e Ana Paula Thier contam a opção de namorar durante quase dois anos e dar o primeiro beijo somente no altar.

A gravação foi feita com uma câmera Panasonic XDCAM-EX3 e microfones de lapela com fio. A trilha sonora original foi composta por Matheus Furtado e Marcus Ribeiro, que cederam os direitos para uso às autoras do projeto. A abertura é composta por imagens de jovens cristãos cantando e tocando violão ao ar livre. As gravações foram feitas exclusivamente para o documentário.

A narração é completada por legendas que introduzem o espectador ao tema abordado. Em seguida, as cenas do casamento de Sandro e Ana Paula Thier antecedem o depoimento de ambos, conforme o apêndice A. Em concordância com o que observa Carvalho (2006), preferimos um recurso narrativo criativo no lugar da narração informativa em off.

Os próximos trechos de entrevistas seguem a sequência de acordo com os assuntos organizados em: motivações, desafios, estratégias e diferença de escolha e imposição. Considerando a qualidade dos relatos, não se julgamos necessário a utilização do recurso voz-over. As legendas identificam cada entrevistado e os depoimentos sustentam a narrativa, que pode ser facilmente compreendida por quem assiste à produção.

A fotografia do documentário foi baseada na proximidade que buscamos alcançar com os entrevistados, privilegiando o plano americano (joelho para cima), facilitando o diálogo e mostrando parte do ambiente. Todas as entrevistas foram feitas com o enquadramento de plano americano e meio primeiro plano (cintura para cima).

O cenário para as entrevistas foi o próprio ambiente de vivência dos entrevistados: suas casas, moradia de familiares ou ambientes de trabalho, no caso da ginecologista e da psicóloga. Considerando que o tema do documentário era propriamente a história destas pessoas, optamos pelo ambiente que seria mais natural para elas. A exceção foi o entrevistado Ezequiel Doern, cuja entrevista foi gravada no estúdio da Unisc TV por preferência dele.

A busca foi por sempre deixar os entrevistados sentados num sofá ou poltrona. O cuidado com objetos foi feito apenas para que os mesmos não atrapalhassem a estética



da imagem ou enquadramento. O figurino e maquiagem dos entrevistados também foram deixados à escolha deles, já que, novamente, buscamos deixá-los o mais à vontade e natural possível para as gravações.

A trilha foi composta por Matheus Furtado e executada por Marcus Ribeiro. A preferência foi por uma trilha mais leve na maior parte do documentário, apenas instrumental com violão e teclado, com a finalidade de aliviar o clima mais sério gerado pelas discussões acerca do tema. Apenas o início e final do filme que contam com trilhas mais dramáticas para introduzir e “encerrar” o tema.

6 CONSIDERAÇÕES

No exercício do estranhamento, a proposta foi representar, diante dos entrevistados, o espectador que desconhece os relatos. E, com essa postura, apesar do conhecimento prévio dos relatos, chegamos a informações novas, fundamentais para amadurecer esta produção. Nesse sentido, ficou evidente a contribuição dos professores Fabiana Piccinin e Leonel Aires, que orientaram este projeto.

Consideramos necessário ampliar a divulgação desse documentário para que contribua com o debate acerca do comportamento sexual. Ao reunir depoimentos que traduzem a postura de determinada parcela da população e que trazem posicionamentos profissionais de análise comportamental, entendemos que “No Altar” cumpre seu papel social. É, portanto, fundamental colocá-lo à disposição do público e divulgá-lo como fonte de informações.

Para concluir o relato dessa experiência, enfatizamos a possibilidade da interdisciplinaridade entre os cursos de Jornalismo e Radialismo. Do primeiro, utilizamos os conceitos de singularidade, “gancho” e reportagem. Do segundo, a importância do viés autoral e a chance de dispensar o recurso voz-over. De ambos, a produção nos fez refletir acerca do espaço para a pluralidade das vozes e da representação social para melhorar a compreensão de mundo. Entre as duas habilitações, também percebemos a semelhança das técnicas de entrevista e elaboração de pauta e roteiro.

Portanto, o desafio de aliar conhecimentos de cursos distintos mostrou-se muito válido. Nessa experiência interdisciplinar, comprovamos que as diferenças são



complementos e que a produção (e por fim, o público) enriquece a partir das contribuições de uma área e outra. Por fim, cumprimos os objetivos de revisar conteúdos teóricos de ambos os cursos e de contribuir para o debate sobre comportamento, fé e sexualidade.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Márcia. O documentário e a prática jornalística. **Rer. PJ: Br**, v.7, 2º sem. 2006. Disponível em: < http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/ensaios7_d.htm >. Acesso em: 29 abr. 2015.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987. Disponível em: <http://www.adelmo.com.br/index1.htm>

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 1986.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papirus, 2005.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... O que é mesmo documentário?**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

SCHERER, Monica Frantiosa. **Apropriação do documentário como gênero jornalístico**: Globo Repórter, um estudo de caso. 2003. 77 f. Monografia (Curso de Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2003.

SOUZA, Gustavo. Aproximações e divergências entre documentário e jornalismo. **UNRevista**, v.1, n.3, julho 2006. Disponível em: < http://ftp-acd.puc-campinas.edu.br/pub/professores/clc/zanotti/ANTERIORES/IJA_2011/Documentario%20e%20jornalismo.pdf >. Acesso em: 29 abr. 2015.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. **O que difere a notícia da reportagem**. Santa Cruz do Sul. Disponível em: <https://virtual.unisc.br/presencial/course/view.php?id=4070>. Acesso em: 20 jun. 2014.

APÊNDICE A – Roteiro

Referência:

Edição do programa Profissão Repórter transmitida em 17 de setembro de 2013:
<http://www.youtube.com/watch?v=QG8eTxnhe7s>

Equipamentos necessários:



Microfones lapela e shotgun: o primeiro, para entrevistas; o outro, para captar sons do ambiente de música e risos. Duas câmeras Canon 5D Mark II, com o intuito de trabalhar uma boa fotografia e pouca profundidade de campo (desfoque) no documentário, possibilidade que esta e outras câmeras do tipo DSLR (Digital Single Lens Reflex) oferecem. Na questão da iluminação, vão ser utilizados um ou dois pontos de luz principais, de 1000 wats, com seus respectivos dimmers, caso necessário. E rebatedores. Em caso de entrevistas, poderá se utilizar também um frezzi para suavizar a sombra no rosto do(a) entrevistado(a).

ÁUDIO	VÍDEO
Trilha original.	Imagens de jovens orando, cantando...
Depoimento de Tamara sobre as desvantagens de iniciar a vida sexual precocemente.	Imagens de Tamara.
Depoimento de Tales e Mírian sobre quando e como decidiram esperar.	Imagens de Tales e Mírian.
Depoimento do pastor sobre as motivações para orientar os jovens nessa escolha.	Imagens do pastor.
Som ambiente.	Imagens de retiro e programação de jovens.
Depoimento de Tales e Mírian sobre os desafios de manter a decisão (pressão dos amigos, momentos de maior proximidade e “risco” nesses dois anos...).	Imagens do casal em atividades rotineiras (caminhando, diante do computador, em afazeres domésticos...).
Depoimento de Lucas e Tamara sobre os desafios de mudar a atitude.	Imagens do casal em atividades rotineiras (caminhando, diante do computador, em afazeres domésticos...).
Depoimento de psicólogo, analisando o comportamento sob o ponto de vista profissional.	Imagens da psicóloga.
Depoimento da Renata Jucá, analisando o comportamento sob o ponto de vista profissional.	Imagens de Renata.
Depoimento do casal que fez corte e está casado, contando como, na prática, conseguiu manter a decisão de esperar.	Imagens do casal.